

Aula 006 – Jericó é tomada e amaldiçoada – Josué 6:1-27

Josué – Capítulo 6

A intenção desse capítulo é celebrar o caso mais extraordinário em que Deus “dá” a terra a Israel. Esse tema faz parte do livro inteiro.

1 Ora, Jericó estava rigorosamente fechada por causa dos filhos de Israel; ninguém saía, nem entrava.

1 Jericó estava rigorosamente fechada. Esse versículo tem o propósito de descrever a situação aparentemente sem esperança que confronta Israel, povo sem experiência no tipo de guerra que agora se requeria. Assim, o milagre de Deus dar a cidade seria salientado com clareza muito maior. Jericó não estava aberta para a invasão externa, nem os que estavam no seu interior poderiam se comunicar com os inimigos.

2 Então, disse o SENHOR a Josué: Olha, entreguei na tua mão Jericó, o seu rei e os seus valentes.

Há uma ação combinada de palavras e atos. A ênfase principal está no ato de Deus dar a cidade nas mãos de Israel. Quando Jericó cai, será tanto um ato de fé **Hebreus 11:30 Pela fé, ruíram as muralhas de Jericó, depois de rodeadas por sete dias**, como um ato de Deus. A fé se apegará à veracidade da palavra de Deus referente ao ato que ele está para realizar. Deus garante a Josué que entregará a cidade de Jericó, seu rei e seus guerreiros poderosos ao poder de Israel. **Obs: Lucas 17:6.** Essa não é uma guerra normal, mas uma “guerra santa”. O fato de o rei de Jericó ser mencionado, além dos valentes, é uma indicação que se planejou, e provavelmente se ofereceu, resistência armada, depois que os muros da cidade caíram. Tudo isso serve para acentuar o poder soberano de Deus em dar Jericó a Israel.

3 Vós, pois, todos os homens de guerra, rodeareis a cidade, cercando-a uma vez; assim fareis por seis dias.

Marche ao redor da cidade. O versículo 3 declara a ideia básica do que seria marchar ao redor de Jericó, com vários detalhes fornecidos nos versículos seguintes. Nessa época, as cidades da Palestina não eram grandes. Jericó media cerca de 230 por 80 metros (18.400 metros quadrados) e sua circunferência era de 600 metros. O comprimento da coluna que marchava ao redor da cidade é desconhecido. Isso também dependeria da sua largura. Em vista do grande número de pessoas

marchando deve-se assumir que os que iam a frente à coluna retornaria ao acampamento bem antes dos que ainda marchavam.

Não há necessidade de pensar em rituais mágicos, pois a cosmovisão bíblica opõe-se diretamente à da mágica, embora a mente popular do israelita possa, às vezes, ter apresentado traços de pensamento mágico. Semelhanças superficiais devem ser verificadas criteriosamente quanto à sua verdadeira natureza. Nesse caso, a ordem para marchar ao redor da cidade procede do Senhor, o que exclui a manipulação mágica, levando em conta também a presença da arca.

4 Sete sacerdotes levarão sete trombetas de chifre de carneiro adiante da arca; no sétimo dia, rodeareis a cidade sete vezes, e os sacerdotes tocarão as trombetas.

O número sete (sete sacerdotes levarão cada um uma trombeta) é simbólico, relembrando as obras de Deus na criação e o sentido de completo. O Senhor que cria também trabalha na história da redenção. No sétimo dia ele agirá em favor do seu povo.

5 E será que, tocando-se longamente a trombeta de chifre de carneiro, ouvindo vós o somido dela, todo o povo gritará com grande grito; o muro da cidade cairá abaixo, e o povo subirá nele, cada qual em frente de si.

Os sacerdotes devem soprar as trombetas que levam consigo. A intenção talvez seja a de recordar a teofania (manifestação divina) no monte Sinai, **Êxodo 19:16,19 Ao amanhecer do terceiro dia, houve trovões, e relâmpagos, e uma espessa nuvem sobre o monte, e mui forte som de trombeta, de maneira que todo o povo que estava no arraial se estremeceu. E o som da trombeta ia aumentando cada vez mais; Moisés falava, e Deus lhe respondia no trovão.** O ato sugere guerra e vitória **Apocalipse 8:6-7 Então, os sete anjos que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocar. O primeiro anjo tocou a trombeta, e houve saraiva e fogo de mistura com sangue, e foram atirados à terra. Foi, então, queimada a terça parte da terra, e das árvores, e também toda erva verde.**

Um contingente militar rodeia a cidade uma vez a cada dia. Os fortemente armados vão na frente, seguidos pelos sacerdotes com as trombetas que tocam constantemente, a arca (também levada pelos sacerdotes) e, finalmente, a retaguarda. O povo deverá gritar quando os sacerdotes prolongarem o toque da trombeta. As trombetas silenciarão depois da sétima volta ao redor da cidade. Josué, então, dará um sinal explícito para que o povo grite, mas Israel só começará a gritar quando as trombetas tocarem novamente. O grande grito é o grito de guerra dado para a intimidação de inimigos e o

encorajamento das forças aliadas **Números 10:9 Quando, na vossa terra, sairdes a pelejar contra os opressores que vos apertam, também tocareis as trombetas a rebate, e perante o SENHOR, vosso Deus, haverá lembrança de vós, e sereis salvos de vossos inimigos.** O povo que “conhece” esse grito de triunfo é “bem-aventurado”, **Salmos 89.15 Bem-aventurado o povo que conhece os vivas de júbilo, que anda, ó SENHOR, na luz da tua presença,** mas a confiança falsa no Senhor e na sua arca poderá resultar em derrota (não é um ato mágico), **I Samuel 4:5,10 Sucedeu que, vindo a arca da Aliança do SENHOR ao arraial, rompeu todo o Israel em grandes brados, e ressoou a terra. Então, pelejaram os filisteus; Israel foi derrotado, e cada um fugiu para a sua tenda; foi grande a derrota, pois foram mortos de Israel trinta mil homens de pé.**

Ao brado do povo, a muralha cairá rente ao chão, não para fora nem para dentro, mas para baixo. Ela implodirá. Do lugar onde os israelitas estiverem nesse instante, eles avançarão e passarão sobre a muralha derrubada, cada homem avançando em frente de onde estiver.

6 Então, Josué, filho de Num, chamou os sacerdotes e disse-lhes: Levai a arca da Aliança; e sete sacerdotes levem sete trombetas de chifre de carneiro adiante da arca do SENHOR.

Josué cumpre a ordem divina e dá responsabilidades aos sacerdotes (v. 6) e ao povo (v. 7). Em harmonia com o estilo narrativo do hebraico, esses versículos apresentam detalhes não mencionados no relato das palavras de Deus a Josué. Essa narrativa, serve para produzir um clímax eficaz que só ocorrerá no v. 20, ao se reportar de fato à queda do muro. A arca é chamada alternadamente de arca da aliança e arca do Senhor. Por causa do significado central da arca, ela é mencionada primeiro. Em seguida, citam-se os sacerdotes que deverão levar as trombetas à frente dela.

7 E disse ao povo: Passai e rodeai a cidade; e quem estiver armado passe adiante da arca do SENHOR.

Aqui se fala do contingente armado que deve preceder a arca. Embora a cidade fosse tomada sem o combate regular, a presença simbólica desses homens armados pretendia atemorizar o coração dos habitantes de Jericó.

8 Assim foi que, como Josué dissera ao povo, os sete sacerdotes, com as sete trombetas de chifre de carneiro diante do SENHOR, passaram e tocaram as trombetas; e a arca da Aliança do SENHOR os seguia.

O versículo 8 fala primeiro da função da arca na procissão, embora o v. 7 informe que os homens armados devem encabeçar a coluna. Esse aspecto da narrativa destaca a importância da arca no

evento. E mais, o narrador tem consciência da estreita associação entre a arca e a divindade: os sacerdotes que levam as sete trombetas levam-nas adiante do Senhor, pois a arca é a arca do Senhor; é como se Deus se identificasse com ela, **Números 10:35 Partindo a arca, Moisés dizia: Levantate, SENHOR, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam diante de ti os que te odeiam.** A arca, além disso, vai após os sacerdotes como se fosse transportada artificialmente, embora, na verdade, seja carregada por eles, **Números 10:33 Partiram, pois, do monte do SENHOR caminho de três dias; a arca da Aliança do SENHOR ia adiante deles caminho de três dias, para lhes deparar lugar de descanso.**

9 Os homens armados iam adiante dos sacerdotes que tocavam as trombetas; a retaguarda seguia após a arca, e as trombetas soavam continuamente.

10 Porém ao povo ordenara Josué, dizendo: Não gritareis, nem fareis ouvir a vossa voz, nem sairá palavra alguma da vossa boca, até ao dia em que eu vos diga: gritai! Então, gritareis.

Se introduz a presença da retaguarda. Assim, pouco a pouco os detalhes da ordem da marcha são fornecidos; não são elementos secundários acrescentados posteriormente. A procissão caminhará em silêncio absoluto, somente as trombetas produzirão som. Os israelitas devem esperar pelo sinal de Josué, a partir do qual deverão se levantar e gritar.

11 Assim, a arca do SENHOR rodeou a cidade, contornando-a uma vez. Entraram no arraial e ali pernoitaram.

12 Levantando-se Josué de madrugada, os sacerdotes levaram, de novo, a arca do SENHOR.

13 Os sete sacerdotes que levavam as sete trombetas de chifre de carneiro diante da arca do SENHOR iam tocando continuamente; os homens armados iam adiante deles, e a retaguarda seguia após a arca do SENHOR, enquanto as trombetas soavam continuamente.

14 No segundo dia, rodearam, outra vez, a cidade e tornaram para o arraial; e assim fizeram por seis dias.

A ênfase acerca da função da arca é continuada no v. 11. Josué faz a arca passar ao redor da cidade; todos os demais elementos devem ficar em segundo plano. Quando a marcha termina, o povo retoma ao acampamento em Gilgal (ver 5.10). Uma vez que a cidade era pequena, deve-se ter por certo que a vanguarda já teria voltado ao acampamento há muito tempo, enquanto os outros ainda marchavam. Para ampliar ao máximo a escalada dramática antes do verdadeiro clímax da história, o relato agora descreve os eventos do segundo dia. Mais uma vez, vê-se a preeminência da arca e lê-se acerca do

som solene das trombetas, à medida que sacerdotes, vanguarda e retaguarda marcham ao redor da cidade. O próprio estilo narrativo sugere a desgraça inexorável que logo se abaterá sobre a cidade, “entregue” previamente nas mãos de Israel pelo Senhor. Quase é possível vê-la acontecer. Dia após dia a mesma coluna marchando, o mesmo som apavorante das trombetas. Em meio a tudo isso está o Senhor, presente de maneira invisível sob o símbolo da arca.

15 No sétimo dia, madrugaram ao subir da alva e, da mesma sorte, rodearam a cidade sete vezes; somente naquele dia rodearam a cidade sete vezes.

Dá-se então o início à uma súbita aceleração da narrativa. O leitor agora é levado para perto do instante dramático da queda do muro. Em vez de uma enfadonha descrição dos sete circuitos da marcha ao redor da cidade, apresenta-se apenas uma declaração concisa e elegante de que o rodeamento sétuplo fora concluído.

16 E sucedeu que, na sétima vez, quando os sacerdotes tocavam as trombetas, disse Josué ao povo: Gritai, porque o SENHOR vos entregou a cidade!

Há ainda outro adiamento magistral da ação. Talvez Josué tenha falado as palavras aqui registradas num momento anterior. De qualquer modo, a inserção delas nesse ponto aumenta o efeito do suspense sobre o leitor.

Josué diz ao povo que grite. Mais uma vez, faz-se menção ao fato de Deus “entregar” a cidade (Jz 3.28; 4.7; 7.9, 15; 1 Sm 23.4, etc.). A natureza simbólica da queda de Jericó, apesar de ser histórica, não escapa à atenção do leitor. A primeira de todas as cidades da Terra Prometida viria a pertencer a Israel mediante um mero grito bradado ao comando de Josué, o servo do Senhor.

17 Porém a cidade será condenada, ela e tudo quanto nela houver; somente viverá Raabe, a prostituta, e todos os que estiverem com ela em casa, porquanto escondeu os mensageiros que enviamos.

18 Tão-somente guardai-vos das coisas condenadas, para que, tendo-as vós condenado, não as tomeis; e assim torneis maldito o arraial de Israel e o confundais.

19 Porém toda prata, e ouro, e utensílios de bronze e de ferro são consagrados ao SENHOR; irão para o seu tesouro.

A natureza simbólica desse evento manifesta-se também no fato de a maldição aplicada a Jericó e seus habitantes ser a mais severa. Esse tipo de maldição tinha a intenção de consagrar alguém ou

algo de modo tão absoluto e irrevogável que não pudesse ser redimido (Lv 27.28-29); significava também que o objeto (pessoa) estava sentenciado à completa destruição (Dt 13.16). Aqui tem-se em mente as duas conotações. O herem era aplicado em vários graus (cf. Dt 20.10-18; I Sm 15.3). No caso de Jericó, a forma mais rigorosa dessa maldição foi aplicada para servir de exemplo. A Transjordânia tinha também sofrido essa maldição (Js 2.10; Nm 21.21-35; Dt 2.34; 3.4). A destruição temporal por meio de maldição deve ser vista como o prelúdio e a prefiguração de um juízo mais final que Deus distribuirá àqueles cuja medida de iniquidade estará cheia (cf. Gn 15.16) no final dos dias (ver Jr 51.63-64; Ap 18.20-21). Uma vez que o herem, como regra geral, tem sua origem numa ordem dada pelo Senhor, não é possível chamá-lo corretamente de expressão de um sentimento “subcristão”, para que ele não envolva Deus numa evolução gradual de cruel a benigno.

Embora, na desgraça que cairá sobre Jericó, o juízo de Deus seja supremo, o fato de Raabe ser livrada dessa condenação, conforme as promessas registradas no cap. 2 é um caso singular da bondade de Deus demonstrada em favor de um membro da comunidade Cananea, cuja sentença tinha sido antecipada tão remotamente quanto em Gênesis 15.16. Raabe será salva em razão do que ela fez pelos agentes enviados a Jericó. A sua fé (Hb 11.31), manifestada pelas “obras” (Tg 2.25), a “justificará”. A sua casa partilhará da salvação do desastre (ver 2.13).

O relato das palavras de Josué acerca da maldição e suas implicações é completado nos v. 18-19. Israel deve ficar longe das coisas amaldiçoadas, que foram consagradas ao Senhor (Lv 27.28). Como executor da maldição, o próprio Israel poderia tornar-se objeto da maldição e causar tribulações ao acampamento, se partilhasse das coisas consagradas. Essa proibição rigorosa explica a narrativa a seguir no cap. 7. As únicas coisas que deveriam ser poupadas da destruição eram os metais: prata, ouro, e tudo que fosse de bronze ou ferro. Essas coisas deveriam ser recolhidas ao tesouro do Senhor (Nm 31.54; cf. IRs 7.51; 1Cr 29.8). Todos esses materiais deviam ser postos à parte “uma coisa santa”.

20 Gritou, pois, o povo, e os sacerdotes tocaram as trombetas. Tendo ouvido o povo o som da trombeta e levantado grande grito, ruíram as muralhas, e o povo subiu à cidade, cada qual em frente de si, e a tomaram.

21 Tudo quanto na cidade havia destruíram totalmente a fio de espada, tanto homens como mulheres, tanto meninos como velhos, também bois, ovelhas e jumentos.

A narrativa chega agora ao seu ponto decisivo. Quanto à sequência exata dos eventos, ver também o comentário sobre 6.4-5. O povo grita em alta voz ao mesmo tempo em que as trombetas tocam. O

sinal de Josué e o prolongado toque das trombetas autorizam os israelitas a darem o grito de guerra. Exatamente como no v. 15, há agora uma súbita aceleração do ritmo da narrativa, mostrando a mão de Deus. A descrição lenta e deliberada dos sete dias de rodeamento da cidade, conjugada com a descrição pormenorizada do que o povo deve fazer quando o milagre ocorrer, abre espaço para as rápidas descrições aplicadas no v. 20: as trombetas, o grito, a queda das muralhas até ao chão, o ataque à cidade e a sua captura; tudo é recitado em poucas e breves palavras.

O povo investe frontalmente contra a cidade e aniquila tudo quanto tem vida. A queda das muralhas havia sido prevista. Josué 24.11 sugere alguma resistência dentro de Jericó. O que acontece ao rei de Jericó não é referido aqui.

22 Então, disse Josué aos dois homens que espíaram a terra: Entrai na casa da mulher prostituta e tirai-a de lá com tudo quanto tiver, como lhe jurastes.

23 Então, entraram os jovens, os espías, e tiraram Raabe, e seu pai, e sua mãe, e seus irmãos, e tudo quanto tinha; tiraram também toda a sua parentela e os acamparam fora do arraial de Israel.

24 Porém a cidade e tudo quanto havia nela, queimaram-no; tão-somente a prata, o ouro e os utensílios de bronze e de ferro deram para o tesouro da Casa do SENHOR.

25 Mas Josué conservou com vida a prostituta Raabe, e a casa de seu pai, e tudo quanto tinha; e habitou no meio de Israel até ao dia de hoje, porquanto escondera os mensageiros que Josué enviara a espíar Jericó.

Percebe-se aqui o contraste no relato das palavras de Josué, no qual há uma alternância entre maldição e salvação (lei e graça). Em meio ao cenário de destruição, exemplo do que aconteceria a toda Canaã, situa-se a descrição da salvação de Raabe. Como antes destacado, não era comum que a vida de alguém sob maldição pudesse ser redimida. Portanto, a preservação da vida de Raabe e de sua família assume significado extraordinário. O sinal do cordão vermelho, conforme combinado em 2.12-21, não tem mais nada a ver com esse resgate. A escolha do sinal deu-se quando a natureza precisa da captura de Jericó não estava ainda definida. A salvação de Raabe está ligada a duas coisas: o juramento que os dois homens lhe fizeram e o ato de clemência que ela havia realizado em relação aos espías. A narrativa alterna-se entre a descrição da destruição de Jericó e a história de Raabe. O entrelaçamento desses dois temas serve para frisar ainda mais o contraste. Conforme indicado em 2.12-13, não somente a própria Raabe mas também sua “casa” são salvas da maldição. Solidariedade

semelhante entre indivíduo e família, todavia no sentido contrário, é encontrada no capítulo seguinte. A razão por que se designa a Raabe e sua família um lugar fora do acampamento de Israel está na impureza cerimonial delas (Lv 13.46; Dt 23.3), agravada, nesse caso, pela maldição sob a qual ordinariamente estariam sujeitas.

Nesse meio tempo, a história da destruição completa de Jericó prossegue. Põe-se fogo à cidade arruinada para se aniquilar a sua memória de sobre a terra. Os metais especificados no v. 19 são incluídos no tesouro do Senhor. A título de conclusão, se afirma explicitamente que Raabe, chamada aqui de a prostituta; é poupada e informa que ela e sua família viviam no meio de Israel até hoje. Essa expressão é usada para confirmar a veracidade histórica do evento que se acabou de descrever. Esse versículo tem o propósito de festejar a bondade de Deus demonstrada na salvação de Raabe. Talvez a intenção do escritor seja lembrar aos leitores posteriores que em alguns pontos importantes da história de Israel outro grupo familiar não israelita foi acrescentado à vida da nação. Componentes puramente raciais jamais definiram o povo de Deus sob a “velha dispensação”. O que Israel era, o era pela graça de Deus (cf. Dt 7.6-8).

26 Naquele tempo, Josué fez o povo jurar e dizer: Maldito diante do SENHOR seja o homem que se levantar e reedificar esta cidade de Jericó; com a perda do seu primogênito lhe porá os fundamentos e, à custa do mais novo, as portas.

27 Assim, era o SENHOR com Josué; e corria a sua fama por toda a terra.

Com um juramento solene, Josué pronuncia, finalmente, a maldição sobre Jericó para que ela jamais seja reconstruída. Essa regra de desolação permanente de uma cidade ímpia aplicava-se também a qualquer cidade de Israel que se apartasse da aliança (Dt 13.16). Maldições e bênçãos devem ser vistas como meios poderosos e eficazes mediante os quais o Senhor tenciona afetar a felicidade e o assombro daqueles que o temem, ou não. Isso não deve ser visto com o sentido de encantamento mágico. O efeito de bênçãos e maldições é real. O portador da “palavra” poderosa é o Senhor, que criou o mundo falando apenas uma palavra (Sl 33.6). Ninguém é capaz de amaldiçoar se o Senhor não amaldiçoar (Nm 23.8a). Convicto disso, Josué agora amaldiçoa Jericó. A queda da cidade era símbolo do que ocorreria a toda Canaã.

Nesse caso, lança-se maldição sobre aquele que edificar, ou seja, que fortificar e fortalecer (cf. IRs 15.17; 2Cr 11.5; 14.5-6 [ARA, v. 6-7]) a cidade outrora destruída. Essa maldição não tinha por alvo aqueles que usavam o lugar de Jericó para habitação. Somente aquele que vier a usar a cidade com “alicerces” e “portões” será afetado pela maldição, do qual se diz que ao custo de seu filho mais

velho firmará seus alicerces, e ao custo de seu filho mais novo colocará seus portões. É evidente que I Reis 16.34 registra o cumprimento da maldição. A tradução de “ao custo de” não responde à questão sobre o modo exato como os filhos do construtor de Jericó perderam a vida.

O relato da queda de Jericó encerra-se dizendo que o Senhor era com Josué e que a sua fama se espalhara por toda a terra, o que está em harmonia com as ênfases recorrentes do livro. Há certo tom de triunfo no livro de Josué. A liderança de Israel está em mãos boas e seguras. Fato confirmado pelo ato grandioso de Deus ao causar a queda de Jericó. Não há, porém, nenhuma intenção de culto ao herói, como pode ser visto pela franca revelação das fraquezas de Josué no cap. 7.